ANO XV NUM. 7

Bem-Te-Vi

Julho de 1937

Dengosa

Dengosa é uma marreca de verdade. Maria e Pérola gostam muito dela e deixam Dengosa à vontade no seu jardim. Parece que ela devia viver triste, assim longe de toda a sua familia, que ficou na fazenda. Mas nada disso. Dengosa tem muito que fazer para ficar triste.

Pérola sempre se levanta cedo, quando a mamãe chama. Mas Maria gosta de ficar deitada um pouco mais. O despertador do papai faz *tlim-m-m-m* todas as manhãs às sete e meia.

Um dia, o despertador não deu alarme. Decerto o papai tinha esquecido de dar corda nele, na véspera. A familia inteira continuou a dormir.

Mas Dengosa estava acordada. Minutos depois da hora marcada para o despertador dar o sinal, o papai acordou com um barulho exquisito — *quaque-quaque-quaque!* Ele olhou para o relogio e viu que passavam cinco das sete e meia. Então foi à janela e viu Dengosa, que não parava de gritar.

— Depressa! disse ele à mamãe. A As meninas não podem perder a escola. O despertador está com algum defeito.

— Pois a Dengosa está funcionando muito bem, gracejou a mamãe. Ela me acordou em tempo.

Nisso, eles ouviram outros *quaques-quaques* nos fundos da casa. Dengosa estava acordando as meninas. Pérola chegou à janela e gritou :

— Estou em pé, Dengosa!

E começou a vestir-se. Mas Maria, ainda que acordada, ficou na cama.

Dengosa foi para a sua tina tomar o banho matinal. A mamãe, da janela da cozinha, podia vê-la. Dengosa já ia pular na agua, quando parece que lhe veiu à cabeça alguma coisa que devia fazer primeiro. Pérola estava no banheiro escovando os dentes, mas Maria não tinha saido da cama. Lá se foi a Dengosa de novo até em baixo da janela das meninas :

— *Quaque-quaque-quaque!* ela grasnou alto.

Como não ouvisse resposta, deu mais tres *quaques*. Então a mamãe ouviu Maria gritar :

— Já vou, Dengosa!

Mas a menina continuava de olhos fechados na sua cama tão quentinha. Dengosa sabia que estava ficando tarde. Então, desandou a grasnar sem parada.

Maria teve de pular da cama e gritar :

— O' que Dengosa enjoada!

Mas Dengosa continuou a berrar até Maria sair à janela. Assim ela viu que tinha mesmo pulado da cama. Então, com um ultimo *quaque* foi para a tina.

Na manhã seguinte Maria pensou que Dengosa ia esquecer o sucedido. Mas Dengosa repetiu o alarme outra vez até Maria levantar-se.

Agora, Maria ergue-se às sete e meia em ponto, porque já sabe que não adianta teimar com Dengosa.

Que marréca formidavel, não?

Bem-Te-Vi

Matriculado conforme o decreto 24.776 de 14 de Julho de 1934.

ANO XV — Nº 7 — REVISTA MENSAL

Redação: Av. Condessa de São Joaquim, 155
Oficinas: Rua da Liberdade, 117

ASSINATURAS
ANUAL . . . . 10$000
AVULSO . . . . 1$000

Redatoras: Nancyt R. Holt
Adelina de Cerqueira Leite
Desenhista: Celia Rocha Braga

São Paulo, Julho de 1937

Gerente responsavel: Servulo C. Sant'Anna
Sub-Gerente: Fernando Buonaduce

De Noite

Todas as noites, na cama,
— é divertido, pessoal! —
no muro, em sombras, eu faço
um coelho, tal e qual.

Mexo os dedos — ele torce
as orelhas e o nariz;
cruzo as mãos e borboleta
sem mesmo saber eu fiz!

Às vezes sái um cachorro,
mas por este eu afianço:
só abre a boca — não morde;
parece bravo e é manso.

Então faço bruxa feia;
mas diz a mamãe agora:
"Mato a bruxa!" e apaga a luz,
dá-me um beijo e vai-se embora.

Laura préga uma peça

— Dão-me licença ? pediu Laura.

Sua mãe e tia Candinha ainda beberricavam o chá, mas já fazia tempo que Laura tinha acabado o seu e esperava pacientemente pelas outras.

Assim que a mãe lhe deu licença, a menina correu à sala de estar e meteu-se em baixo do sofá de mola.

"Mamãe e tia Candinha vêm já", ela pensou, "e então eu vou fazer *uu-u-uh!* para assustá-las".

Alguns minutos depois elas chegaram, conversando. Laura, rindo consigo mesma, ficou muito quietinha. Não prestou atenção ao que as duas senhoras diziam até que ouviu o seu nome.

— Estou com vontade de furtar Laura sabado e domingo desta semana, dizia a tia Candinha.

Laura, encolhida em baixo do sofá, ensaiou um gritinho de gozo. Era sempre esplendido passear com tia Candinha — ainda mais ficar de noite!

— Está muito bem, respondeu a mãe de Laura ; mas não sei se ela não vai dar trabalho. Laura é tão enjoada com comida! Ultimamente, então, não gosta disto, não gosta daquilo, e não tem comido como devia legumes e frutas.

— Ela que venha. Laura tem juizo e não vai rejeitar coisas boas.

E olhando para o relogio, acrescentou :

— Preciso sair dentro de meia hora para tomar o trem das 4 e 20.

— Vou já arranjar a mala de Laura, replicou D. Anita, saindo da sala.

Tia Candinha seguiu-a. Laura saiu de sob o sofá com os cabellos emaranhados e ficou parada um momento, pensando. Afinal disse :

— Já sei o que fazer. Tia Candinha vai ficar admirada. Vou comer tudo de que ela pensa que eu não gosto — cenouras, vagem, repolho e até espinafre. E por sobremesa, vou querer frutas e mais frutas. Quero só ver como a titia vai ficar quando vir que eu não sou nada enjoada.

— Laura, Laura ! chamou a mamãe.

Laura correu a ajudar a fazer a mala. Imagine — quanta coisa era preciso para uma viagem tão curta ! Escova de dentes, pasta dentifricia, chinélos, roupão, lenços, camisola, sabão, roupa branca, tudo isso teve de encontrar um lugar na maleta marron. No fim de meia hora a titia e Laura estavam prontas ; em quinze munutos já esperavam o trem na estação, em meio do vai-e-vem e bulicio de tanta gente. Tia Candinha e Laura colocaram-se num grupo que esperava a abertura de um portão de ferro.

— Isto sempre me lembra jaula em jardim botânico, comentou tia Candinha a rir.

— *U-u-uh!* Eu sou um urso preto, e a senhora, onça pintada, disse Laura. Olhe, o portão abriu-se.

Depois de terem passado pelo encarregado de visar os bilhetes, tia Candinha disse:

— O homem não ficou com medo do meu urso preto.

— Ah, isso foi porque não me ouviu berrar, replicou Laura.

Assim que elas se acomodaram num carro, o chefe da estação agitou a bandeirola verde e o trem pôs-se em movimento. Ia cada vez mais depressa. Passou voando pelo tunel escuro e, do outro lado, por fabricas que fumegavam, por filas de armazens de telhado de zinco, depois residencias, cada vez mais espaçadas, e por fim campos cheios de quaresmas.

— Bela Vista! gritou o condutor.

Logo depois tia Candinha e Laura desciam à plataforma.

— Se fôrmos depressa para casa, disse tia Candinha, você vai ter tempo de tomar banho no córrego com as outras crianças, antes de escurecer. E' muito limpinho, com areia no fundo.

Tudo correu às mil maravilhas. O banho estava delicioso, com o sol brilhando no ocaso e a camaradagem alegre de um bando de crianças. Afinal desapareceu a ultima réstea de sol e cada uma foi para sua casa.

Um fogo alegre crepitava na lareira da sala de estar, quando Laura entrou lá. Tio Sabino estava sentado em frente do fogo. A menina correu de mansinho e, por trás da cadeira, cobriu os olhos do tio com as mãos.

— Eu sei! E' a tia Margarida, adivinhou tio Sabino. Não é? Então é a minha querida patrôa Candinha. Não é? Ora e esta! mas será que é aquela minha sobrinha levada da breca, a Laura?

A essas palavras Laura deu um puxão nos cabelos pretos do tio Sabino.

— Ah, é ela mesma! declarou a rir o titio. Venha sentar-se ao pé do fogo, minha garotinha.

Então tio Sabino, tia Candinha, Laura e Mascote, o cãozinho arrepiado, ficaram vendo figuras de um livro até que chamaram para o jantar.

"Agora vou-me divertir." pensou Laura, antegozando a cêna.

— O que você quer, Laura? perguntou o tio Sabino depois de servir tia Candinha.

— Um pedaço de galinha e todos os legumes, faça o favor, respondeu Laura.

Tia Candinha arregalou os olhos mas não disse palavra, pensando:

"Pode ser que Laura não vai comer os legumes".

Mas Laura atacou com vontade o pirão de batatas, que desapareceu de todo. Depois comeu um bocado pequeno de espinafre.

— Hum! que espinafre gostoso! ela disse alto, muito surpreendida.

E limpou tambem todo o espinafre do prato.

Tia Candinha arregalou mais os olhos, porém não disse palavra.

Laura olhou para as cenouras do seu prato.

"Detestaveis estas cenouras", pensou ela. "Como vou aguentar engulir tudo isto?"

Alguns pedaços de cenoura eram alaranjados; outros, amarelos. Tomando um de côr mais viva, Laura levou-o à boca. Ela

viu que tia Candinha observava; porisso a cenoura rodou depressa. E Laura ficou tão entretida em procurar os pedaços alaranjados que, antes de perceber, as cenouras já estavam quasi acabadas. Então a menina enguliu os ultimos pedaços amarelos com coragem. Pronto! O prato estava vazio!

Tia Candinha olhou para o prato vazio como que esperando ver Laura tomá-lo e comê-lo aos bocados, sem titubear.

A sobremesa, salada de frutas, era do gosto de Laura; porisso não foi dificil limpar a taça.

Então tia Candinha disse ao marido:

— Nunca vi uma criança comer de tudo que é bom com tanta vontade como Laura. Não sei como a mãe dela disse que era uma menina enjoada.

Depois do jantar eles se sentaram de novo ao pé do fogo por meia hora, contando historias um ao outro. Laura contou a historia dos quatro porquinhos; tia Candinha contou a de uma fada que caiu da terra das fadas, e tio Sabino a de *Sambo Pretinho*.

Bateu sete e meia. Era hora de Laura ir deitar-se. Ela dormiu a sôno solto até sete horas da manhã seguinte.

Laura mal vestiu-se e bebeu um copo de agua, já correu para a cozinha, onde tia Candinha preparava qualquer coisa.

— Bom dia, tia Candinha, disse Laura. Posso chupar uma laranja agora e ir fóra brincar com Mascote?

— E' justamente o que me convém e ao Mascote, consentiu tia Candinha.

Quinze minutos depois Laura e Mascote entraram ofegantes. O cãozinho tinha corrido atrás de ratos, e Laura atrás dele — um exercicio de primeira!

— Aveia! Que bom! exclamou Laura, observando a tia com o rabinho dos olhos.

Para dizer a verdade, Laura não gostava de aveia. Estava só fingindo que sim. Mas aquela aveia era mesmo diferente, feita com passas e rodeada de leite gordo.

— Eu quero mais, por favor, pediu Laura.

E ela comeu o segundo prato fundo. Depois tia Candinha ensinou Laura a torrar pão no torrador elétrico que estava sobre a mesa. E como estavam deliciosas aquelas torradas cobertas de manteiga fresca! Laura comeu tres delas.

Tia Candinha estava admirada e satisfeita com a bela disposição de Laura.

No almoço houve soufflé de batatas, com picadinho de carne espiando pelas gretas da crosta, ervilhas e cenouras ensopadas em manteiga e salada de repolho crú.

"Aqui é mesmo a terra das cenouras", pensou Laura," mas eu estou gostando muito de tudo que me dão a comer".

Laura comeu primeiro as cenouras, depois as ervilhas, o soufflé e a salada. O prato ficou limpinho.

Pois nem assim tia Candinha abriu a boca para dizer a Laura que ela não era enjoada. Mas quando a titia levou-a de volta para casa, sua mãe perguntou :

— Laura foi uma menina de juizo ?

Então tia Candinha respondeu :

— Se foi! Quem falou em enjoamento ? Se ha alguem que não é enjoada com comida é esta minha sobrinha. Não houve nada de saudavel que ela não comesse.

— Cenouras ? perguntou a mamãe, admirada.

— Cenouras, e todos os dias, disse tia Candinha.

— Espinafre ? tornou a mamãe.

— Como não! disse tia Candinha.

— Aveia ? insistiu a mamãe.

— Dois pratos de manhã, disse tia Candinha.

A mãe de Laura ficou até muda de admiração. Laura pulava de gozo.

— Eu sabia que ia pregar uma na senhora, tia Candinha! ela exclamou. E na senhora tambem, mamãe! Mas, sabe, prosseguiu Laura com firmeza, eu vou pregar dessas peças todos os dias, mamãe, no almoço e no jantar. A senhora vai só ver!

O Trabalho

Tal como a chuva caída
Fecunda a terra no estio,
Para fecundar a vida
O trabalho se inventou.

Feliz quem pode, orgulhoso,
Dizer : "Nunca fui vadio:
E, se hoje sou venturoso,
Devo ao trabalho o que sou!"

E' preciso, desde a infância,
Ir preparando futuro ;
Para chegar à abundância,
E' preciso trabalhar.

Não nasce a planta perfeita,
Não nasce o fruto maduro ;
E para ter a colheita
E' preciso semear...

OLAVO BILAC

Uma menina de confiança

Lenita acabára de trazer um lenço limpo à mamãe, que ia sair para experimentar o vestido de uma freguesa, quando um automovel grande parou em frente da casa. Eram D. Iracema e Rosinha, pequerrucha de dois anos apenas. Lenita achava-a a menina mais encantadora e gentil do mundo.

— Como estão passando? disse D. Iracema. Posso deixar Rosinha aqui enquanto vou ao dentista?

— Como não, disse a mamãe. Preciso sair por mais de uma hora, mas Lenita e Eunice ficam em casa.

D. Iracema sorriu.

— Tenho certeza de que podemos confiar Rosinha a Eunice. Ela já completou nove anos, não é?

— Sim senhora, Eunice respondeu com delicadeza.

Lenita não disse uma unica palavra e ficou a olhar, pensativa, o automovel grande que partia veloz. D. Iracema parecia não saber que ela e Eunice eram gemeas. Mas Eunice era dois dedos mais alta que ela; porisso sempre deixavam Rosinha aos seus cuidados. E D. Iracema pagava-lhe tres mil réis. Porisso Eunice já tinha no cofre quasi o dinheiro suficiente para comprar um par de sapatos.

Lenita queria que D. Iracema confiasse nela tambem, pois gostava de brincar com a pequenita.

— Quero o gato, balbuciou Rosinha, segurando a mão de Lenita.

E enquanto Eunice lia historias, Lenita fez uma bola de papel, amarrada com barbante. Rosinha segurou o barbante e agitou a bola. Ria-se, alegrinha, vendo o gato dar pulos para agarrá-la. Depois as duas brincaram de tomar chá com o aparelhinho de Lenita e olharam um livro de figuras.

Mais tarde Lenita pôs Rosinha na rêde da varanda e balançou-a docemente. Em breve os olhos da pequerrucha se fecharam e ela já estava dormindo.

Nesse momento um bando de meninos e meninas passou correndo pela frente da casa.

— O homem do realejo está na Praça General Osório com os periquitos! alguem gritou.

— Vamos vêr! exclamou Eunice, fechando o livro.

Lenita concordou alegre. Mas nisso, lembrou-se de uma coisa.

— E a Rosinha? disse ela.

— Deixá-la! exclamou Eunice. A praça fica só a dois quarteirões daqui e Rosinha está bem adormecida. Dentro de poucos minutos estaremos de volta. Vamos vêr.

Lenita correu alguns passos, mas voltou. Não, ela não podia deixar Rosinha só. Que vontade tinha de vêr os periquitos tirando com os bicos os papeizinhos com a sorte. Ela suspirou, mas balançou a rêde devagar e Rosinha continuou dormindo. Estava tudo silencioso.

De repente o carro grande parou ao lado do passeio. D. Iracema esperara a mamãe, que tinha dobrado a esquina naquele momento, e as duas senhoras entraram juntas.

— Onde está Eunice? a mamãe perguntou quando elas subiam a escada da frente.

Antes que Lenita pudesse responder, um grupo de crianças veiu correndo de volta. Eunice estava com elas.

— Lenita! gritou Eunice, nós vimos os periquitos, mas não ganhei papelzinho com a sorte porque não tinha nenhum tostão.

— Eunice, mamãe perguntou gravemente, você deixou esta criancinha preciosa que lhe foi confiada para ir vêr uns periquitos? Estou muito desapontada e triste, D. Iracema, mamãe continuou, enquanto Eunice abaixava a cabeça. Lenita tambem tem nove anos.

A senhora sabe, as duas são gemeas. Creio que Lenita é digna de confiança, ainda que seja menor.

— Estou vendo que é, disse D. Iracema, sorridente, virando-se para a menina. Vou precisar ir ao dentista todos os dias durante uma semana. Você quer tomar conta de Rosinha, meu bem? Aqui estão tres mil réis por esta tarde. Rosinha já acordou de seu soninho; que tal se nós todas fossemos de carro vêr os periquitos? Tenho aqui uns tostões.

— Eu estou muito triste, Eunice falou, enquanto grandes lagrimas rolavam de suas faces. De hoje em diante vou ser mais atenciosa com meu trabalho.

— Eu sei que vai, disse D. Iracema. Agora vamos vêr os periquitos.

Como ensinar seu cão

A OBEDECER

Cada treinador tem seu modo particular de fazer o cachorro obedecer ao chamado ou assobio, e acabo de ler o conselho de um profissional, que diz:

— Amarre uma correia ou corda ao cachorro, e conduza-o ao quintal. Chame-o com frequencia e, ao mesmo tempo, sacuda a corda. Se o cachorrinho não vier, puxe-o para perto e acaricie-o.

Este é o método forçado, e muito empregado, mas não por mim, que não o aprecio. Muito melhor, penso, é fazer com que o cachorro *queira* atender ao chamado.

Primeiro, resolva-se por um assobio para chamar — curto, agudo e *sempre o mesmo*. Um apito de policia ou de jogos pode servir — mas é necessário praticar muito até que consiga um assobio particular para seu cachorro. De outra forma, atenderá ao chamado de estranhos, justamente o que não quer que ele faça.

Em seguida, prenda o cachorro na corrente *antes* de alimentá-lo e *antes* de levá-lo a passeio. Então, munido de um prato de comida ou de sua cordinha, sáia furtivamente por uma porta, de forma que ele não o veja. A um canto da casa, chame-o como de costume e, sem mais palavra, solte-o da corrente, dê-lhe comida ou deixe-o brincar com a cordinha, o que representa um bom exercicio. Repita o método cada vez que o alimenta ou leva passear; dentro de poucas semanas ele se esforçará por arrebentar a corrente, quando ouvir seu assobio. Este tambem é um método forçado, mas a força impulsiva está dentro do cachorro. E ela age mais rápida e eficientemente que a outra. E' uma alegria ver um animal treinado dessa forma atender prontamente ao chamado.

Outra lição importante é fazer o cachorro estacar logo que o dono diz "quieto" ou "pare". Isso é uma necessidade para o perdigueiro no campo e boa aprendizagem para qualquer outro cão, visto que fá-lo parar a um lado da rua quando um automovel vem em disparada. Já perdi o numero de vezes que salvei a vida de um cão com a palavra "pare".

Os treinadores usam a cordinha e o método forçado para esta lição, mas prefiro outra maneira. Quando puser o prato de comida em frente do cachorro, segure-o pela coleira, repetindo "quieto", "quieto", em tom cauteloso. Mantenha-o inda um momento depois de ele parar de se debater ; então solte-o e, ao mesmo tempo, com um estalo da lingua ou dos dedos, dê-lhe sinal para avançar. Enquanto ele estiver comendo, passe a mão pelas costas e converse. Quando se acostumar com isso, deixe seu irmão, irmã ou camarada fazer o mesmo. Porque? Porque quasi todos os cachorros são avessos a agrados quando comem. As crianças não sabem disso e muitas vezes o resultado é uma mordida. Como precaução, nunca toque num cachorro que está comendo, a menos que *saiba* que ele não morde. Para evitar tais incidentes, ensino todos os meus cães a não fazerem caso da mão de ninguem, enquanto estão comendo.

No dia seguinte, segure o cachorro alguns momentos mais antes de o alimentar, enquanto repete "quieto" ; e no terceiro dia, mais tempo ainda. Depois que ele entender, ponha-o à prova no quintal em momentos inesperados, até que páre instantaneamente, em qualquer lugar, a qualquer tempo, à palavra "quieto", e espere que lhe dê o sinal de prosseguir.

Fazer o cachorro andar ao pé da gente é uma lição da qual sempre me lembro ao ver uma mulher sendo arrastada por um cão preso a uma corda, este meio sufocado e aquela com o braço adormecido de tão esticado. Tudo isso é tão insensato, desnecessário e injusto para o cão. Para ensinar um cachorro a ficar logo atrás do dono, por meio das palavras "aqui" ou "atrás", (use uma, não ambas) leve-o passear com uma corda. Agora, pela primeira vez, será necessário um chicóte. Mas não se impressione : não será para castigá-lo.

Encurte a corda e, se o cachorro tentar passar à frente, tóque seu nariz com o chicóte — tóque, não bata nem magôe — dizendo ao mesmo tempo, com firmeza, "atrás", "atrás". No momento em que ele ficar ao lado, solte a corda e dê-lhe o sinal para seguir. Esta é a unica lição que póde durar mais de cinco minutos. Não cansa nem desanima o cachorro, porque ele está fóra com o dono, esperando divertir-se. Assegure-lhe de fato a diversão, quando parando de puxar a corda ele fôr trotando atrás, com um estalo da lingua ou dos dedos, que é o sinal de passar à frente. Numa unica hora eu consegui fazer um cachorro ficar ao pé de mim, e solto ; nunca precisei dar mais de tres dessas lições a um cão. Uma vantagem de tal treino é que pode levar seu cachorro quasi em toda parte, sem corda.

Para treiná-lo a deitar-se — sobre as patas e não preguiçosamente de lado — será bom ter alguns pedacinhos de carne no bolso. Vá dobrando as pernas dianteiras para dentro, fazendo pressão sobre o quarto traseiro e ao mesmo tempo dizendo "deite". No momento em que ele estiver em posição certa, e tranquilo, largue-o, estale a lingua e dê-lhe um pedacinho de carne como recompensa. Repita isto durante cinco minutos, e outra vez dentro de uma hora, ou antes, se o cachorro deitar-se por si, dizendo claramente : "Agora, o meu pedacinho de carne", como às vezes fará. No dia seguinte, conserve-o deitado durante um pouco mais de tempo, e assim por diante, dia após dia, até que ele obedeça à simples palavra "deite" e só se erga com nova ordem.

(continúa)

PROVERBIOS AFRICANOS

A verdade é melhor que o sabão para conservar as mãos limpas.

Ainda que um grão de trigo cáia na lama fica sempre branco por dentro.

Não são só gatos que apanham pintos.

Quando tens o braço fraco, dizes que a faca é bôta.

O gato em casa diz que é muito ágil ; que vá para a floresta caçar macacos. . .

Quem recebe nunca tem tanto, nem é tão grande como quem dá.

a pagina dos PAIS

SIMPATIA E CARATER

Não ha traço de carater mais altamente estimado que a simpatia e talvez que nenhum seja interpretado mais superficialmente, ou mais facilmente simulado. A simpatia fingida traz desilusão e amargura. Contudo, ha uma variedade genuina que tira os aguilhões dos desapontamentos, que ergue ânimos prostrados, que restaura a fé e a coragem, e que ajuda a dar objetivo e significação à vida. Tal é o sentimento a que cada um devia aspirar, procurando tambem cultivar nos outros.

A simpatia abrange tanto uma atitude interior como uma manifestação exterior. Esses dois aspectos são intimamente relacionados, um estimulando o outro. Mas ha muita gente que tem dificuldade em expressar a sua simpatia. Outros, em quem o sentimento verdadeiro não existe, adquirem uma especie de técnica impressiva.

Antes que sejam feitas quaisquer sugestões com respeito aos meios de desenvolver ambas as atitudes e a técnica da simpatia, devemos ter claros no espirito os caracteristicos relevantes de cada uma.

A simpatia é baseada na boa vontade. Ela deseja o melhor para outrem. Não é egoista, mas abnegada. Não visa resultados ulteriores. Não pede privilégios especiais. Não exige o sacrificio, mas fá-lo alegremente. Não conhece o ciume que se ressente pelo sucesso alheio. Evita novidades que destroem tanto a reputação como a influência. Procura sempre ajudar, encorajar, tornar feliz.

A simpatia reconhece a igualdade. E' impossivel simpatizar com alguem que não é considerada igual. Não pode haver simpatia verdadeira entre senhor e escravo, entre quem se sente membro de uma raça superior e outro que pertence a uma considerada inferior, ou entre um menino e uma menina quando cada qual pensa estar intimidando o outro.

A simpatia é universal. Há uma diferença entre simpatia e amizade. A primeira pode romper barreiras de nação, classe, raça, grupo e situação econômica. A segunda deve ser selectiva. Nós podemos ter simpatia para com qualquer pessoa sem nos envolvermos em intimidades de amizade. Ninguem pode adquirir nobreza de carater sem sentimento de simpatia para com toda a humanidade.

Ainda que esses tres caracteristicos da atitude de simpatia não constituam uma análise completa, fornecem mesmo assim a base para um programa educativo no lar e na escola. Podemos igualmente determinar tres caracteristicos fundamentais de manifestações externas de simpatia que devem ser realçados.

As expressões de amizade devem ser sinceras. No passado deu-se ênfase demasiada às formas de simpatia, ênfase esta que desenvolve nos primeiros anos uma hipocrisia requintada. Uma senhora diz ao seu filhinho: "Cumprimente o Snr. Carlos e diga-lhe que tem muito prazer em vê-lo," mas nunca explica porque ele deve ter *prazer*. Em geral o Snr. Carlos não faz nada para dar prazer ao menino. Os sorrisos das crianças são frequentemente encorajados com subornos, de forma que elas aprendem a sorrir só quando querem alguma coisa. E' de admirar, pois, que tantos adultos façam uso dos sinais externos da simpatia como base de sistemas exploratórios? Sejamos precavidos em não tomar o símbolo da simpatia pela sua realidade, nem em encorajar as formas externas, exceto quando elas ajudam a desenvolver o espirito interior. Mas é necessário treinar um indivíduo a expressar a simpatia que sente, pois unicamente através dessas manifestações o espirito desenvolve toda a sua beleza e poder.

A expressão de simpatia deve ser inteligente. Pessoas de boa-vontade têm manifestado sua simpatia de forma desastrosa. Um medico comunicou a certa familia que um de seus membros estava atacado de molestia contagiosa, pelo que devia ser internado numa casa de saúde. Com falso sentimento de simpatia, a familia quis evitar que o doente conhecesse o seu estado. Não houve a separação

que se fazia mistér e a molestia alastrou-se, vitimando diversas pessoas. Só ações inteligentes indicam simpatia verdadeira.

A expressão de simpatia deve ser continua. A simpatia espasmódica é ineficaz. A imutabilidade desse sentimento é sua gloria. Se uma pessoa "muda de cara" conforme determinadas circunstancias ou a opinião publica, sua simpatia para com indivíduos ou grupos é um arrimo suspeito. Tem mérito especial a amizade de Jonatan para com Davi, quando este disputava o trono do pai de Jonatan. E' dificil hoje em dia mostrar simpatia quando o odio "bairrista" exerce pressão sobre aqueles que sentem que "ama ao teu próximo" tange tanto à religião como à sociologia.

Surge então a questão : como podem páis e educadores inculcar um espirito de simpatia, que seja de boa vontade, universal, que reconheça a igualdade, e ao mesmo tempo desenvolver expressões de simpatia que sejam sinceras, inteligentes e coerentes?

A mera proposição deste problema indica claramente que sua solução não pode ser isolada das atividades do lar e da escola. Cada materia que os meninos estudam pode adiantar ou retardar o desenvolvimento de sua simpatia. Cada jogo pode aumentar ou diminuir a boa-vontade entre eles. Leituras, discussões, filmes, interesses sociais, clubes, igrejas — tudo exerce a sua influencia. Educação em simpatia não é algo de separado e distinto, mas está em relação com o espirito e o idealismo, que desenvolve sempre através de cada pensamento, palavra ou ação. Contudo, passamos a fazer algumas sugestões :

1. Páis e mestres deviam frequentemente oferecer ensejos para a discussão de problemas que envolvam a simpatia, sem prègar sobre o assunto, mas estimulando o pensamento. Um passeio da escola, uma competição do seu quadro atlético, reuniões sociais, são excelentes ocasiões para se ventilar o problema. Alguns filmes tambem se prestam para isso.

2. Os jovens, guiados por adultos, podem desenvolver a prática da simpatia organizando festas, tendo a responsabilidade de resolver por si os problemas de classe e raça, em programas que ofereçam oportunidade à expressão de opiniões a respeito.

3. Cada adolescente deve ter uma pessoa amiga e sensata com quem se possa abrir para ventilar os seus problemas, suas dúvidas, com isso em muito lucrando o desenvolvimento de sua personalidade.

4. Páis e mestres devem alargar o âmbito de contactos humanos para as crianças, oferecendo-lhes oportunidades para travar conhecimento com pessoas de outras nacionalidades e outras raças. Minha filhinha decerto amará sempre os japonêses, desde que tivemos intimidade com uma familia japonêsa.

5. Deviam ser interditas todas as expressões e atitudes reveladoras de preconceitos contra indivíduos ou grupos, tanto em casa como no lar. Os páis que procuram alimentar o orgulho da familia, criticando outros lares, causam aos filhos e à sociedade dano irreparavel. Uma análise da simpatia não pode ser completa sem uma da amizade. A simpatia universal de uma pessoa deve desabrochar em varias amizades intimas. Não ha uma linha fixa de demarcação entre as duas ; trata-se antes de uma focalização gradual do espirito de simpatia, até ele se centralizar num círculo interior.

Há uma reciprocidade na amizade que deve ser cuidadosamente protegida. Essa relação é por demais expressiva em termos de influencia sobre a atividade, pensamento e vida espiritual de uma pessoa, para admitir ao círculo interior aqueles que não estão qualificados para tal. As qualificações, contudo, não devem ser superficiais, baseadas sobre dinheiro, situação social, raça, religião ou educação, ainda que esses diferentes fatores se estribam sobre outros, essenciais, que são altos ideais, hábitos bons, uma filosofia sadia da vida, bom gênio e amavel franqueza. Na amizade verdadeira existe uma atitude desprevenida da mente e do coração.

A maior contribuição do lar e da escola para a capacidade de amizade entre os jovens é em termos de qualidades exigidas por tal relação. Se essas instituições desenvolvem personalidades e caracteres, cada indivíduo estará habilitado a seleccionar os seus amigos íntimos. O contágio do exemplo tem grande importancia na formação de ideais. Os adultos deviam dar o melhor de si mesmos aos representantes da próxima geração com que estão em contacto. Ninguem pode impôr a outrem seus ideais, mas pode viver de forma tão atraente que outros busquem as fontes de sua eficiencia e felicidade.

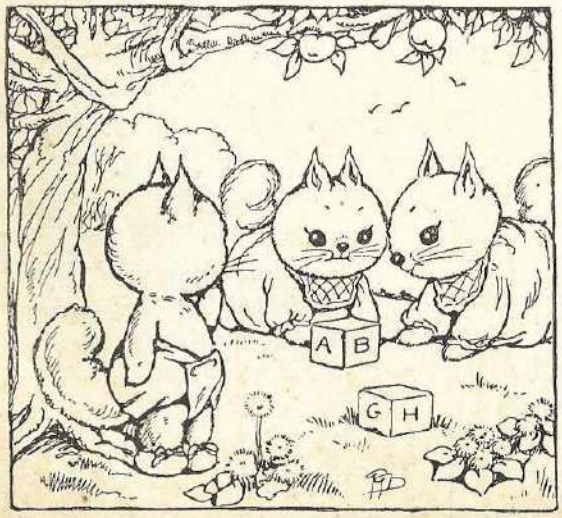
Os Tres Esquilinhos

I

O Mestre Esquilo e senhora
Vivem sempre afadigados,
Atendendo a toda hora
Aos tres filhinhos *levados*.

II

Estão já fortes, gordinhos,
Sabem brincar muito bem
Com os rabos tão fofinhos
E com os cubos tambem.



III

Mas não são sempre ajuizados :
As vezes põem-se aos cochichos.
Quando já, mui socegados,
Roncam os páis como bichos !

IV

Nem descansa o pobre pái,
E já um pequeno o chama :
"Eu quero agua, ai, ai, ai !"
Precisa saltar da cama...

P I P I L O

Eram uma vez tres avesitas, que se chamavam Fofinho, Lilí e Pipilo.

Moravam num lindo ninho colocado entre dois galhos, no alto de uma velha mangueira.

O pai e mãe estavam o dia todo muito ocupados, arranjando comidinha para os filhotes famintos, que lá no ninho os esperavam com os biquinhos rosados sempre abertos.

Dia a dia eles ficavam maiores e mais gordinhos, até que finalmente já tinham forças para levantar o primeiro vôo. Primeiro pularam na beira do ninho; daí, vôaram ao raminho mais perto e em pouco tempo iam de galho em galho. Um dia a mamãe lhes disse :

— Agora, meus filhinhos, já é tempo de vocês voarem para o chão e comerem areia.

Fofinho e Lilí desceram e começaram a comer areia, mas Pipilo disse :

— Eu não posso vôar ; e tambem não gosto de areia.

— Mas você precisa comer areia, disse a mãe. Os passarinhos não têm dentes que mastigam o alimento, de modo que precisamos da areia, porque ela móe as sementes e os bichinhos que comemos. Venha, meu filho : você precisa comer areia, se quer ficar forte.

Mas Pipilo começou a chorar muito alto, dizendo :

— Eu não posso vôar ! Eu não gosto de areia, mamãe !

Então a mãe empurrou-o fora do ninho. Pipilo abriu as asas e vôou para o chão.

— Coma areia para ficar forte, disse Lilí. Como é que você póde saber que não gosta de areia, quando ainda não a provou ?

Mas o teimoso do Pipilo só dizia :

— Eu não quero comer areia !

Numa bela manhã a mãe levou-os para um passeio no campo, apesar de ter medo de Pipilo não estar bem forte para ir tão longe. Vôaram todos por sobre as cercas e os pomares. Fofinho e Lilí iam sempre na frente. Pipilo já estava ficando atrás dos outros. Ele gritou :

— Esperem ! Esperem !

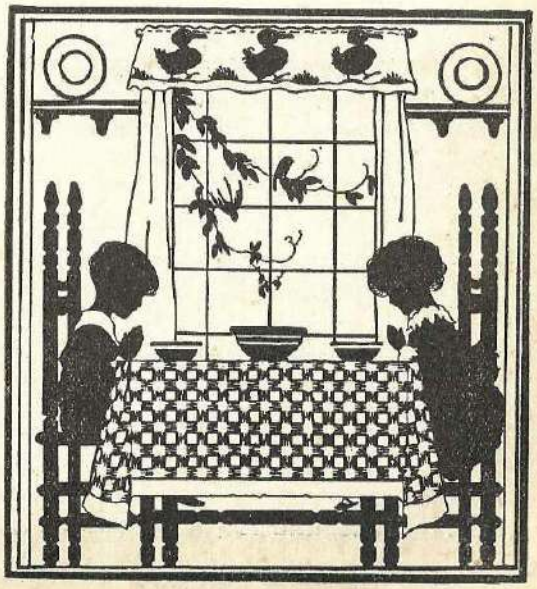
Mas o bando já se havia afastado e ninguem o ouviu.

— Onde está Pipilo ? perguntou a mãe, logo que chegaram.

— Nós o deixamos empoleirado na cerca do pomar, disse Fofinho. Ele estava cansado de vôar. Não quís comer areia e decerto os bichinhos lhe fizeram mal. Pipilo está fraco.

Como os passarinhos se divertiram ! A mamãe ensinou-lhes como encontrar os melhores besourinhos e sementes, e eles tomaram banho num córrego. Que dia esplêndido passaram !

E sabem que foi a primeira coisa que viram quando chegaram em casa ? Imaginem ! Pipilo, debaixo da arvore, comendo areia ! Ele agora queria ficar forte e viu que precisava fazer o que a mamãe lhe dissera.



O Cabritinho Divertido

Capitulo X

A SOLUÇÃO DO MISTERIO

Para Diji, habitante das cavernas, Gabes, a cidade do golfo, era uma maravilha. Ele e seu cabritinho Zem, viajando em jacás, no dorso de Gha-da, o velho camelo que andava erguendo alto as patas, seguiam na caravana do Sheik Beni-Nef, descendo as ruas, rumo ao mercado.

Diji continha a respiração. Ele nem supunha que havia tantas casas no mundo — torres brancas, tetos brancos, cúpulas de mesquitas, terraços no alto das casas, sacadas debruçando-se sobre as ruas.

Algumas destas eram tão largas que vinte homens poderiam marchar a par. Outras eram tão estreitas que os camelos com carga ficavam entalados e tinham de retroceder aos gritos de seus condutores.

Afinal eles tomaram por uma rua que ia direito ao grande bazar. A enorme área do velho mercado era entremeada de ruas comerciais, com arcadas de tijolos que sustentavam um gradeado de madeira para fazer sombra. Ali se enfileiravam as tendas, com os negociantes agachados entre as suas mercadorias.

No grande bazar estavam agrupados em separado os vendedores de produtos similares. Assim, os negociantes de arreios e artigos de couro tinham suas tendas em *el-Serajin*, ou a rua dos arreios. Em seguida vinha *el-Farashin*, a rua dos tapetes, e adiante ainda *el-Birka*, a das joias, e *el-Attarin*, onde se vendiam só doces perfumes.

A fila de camelos do Sheik Beni-Nef introduziu-se com garbo pelo mercado e parou na Rua dos Gêneros Alimenticios. Ali foram descarregados os grandes cestos de cereais, jarros de oleo de oliva e fardos de frutas secas.

O grande bazar era todo movimento. Quantas vozes apregoavam mercadorias! Em quantas linguas se conversava!

— Aqui, as suas frutas!

— Estes tapetes, comprador!

— Olha a delícia da abóbora assada!

Diji estava certo de que ali se achava metade da mercadoria, do dinheiro e do povo de toda a Tunísia. Ele não se separava do pai, mas em tudo punha reparo.

Contudo, para cabrito da roça como

era, Zem parecia muito a gosto no meio da balburdia do mercado. Trotava para baixo e para cima, revirando as orelhas, retorcendo o rabinho e mordiscando com interêsse cada pedacinho de comida que encontrava pelo chão. Ao chamado de Diji, entretanto, ele voltava logo trotando e vinha esfregar o focinho amoroso no jovem dono.

No segundo dia em Gabes, Diji criou coragem de ir pelo mercado todo.

Illah! Quanta coisa para a gente ver!

Diji e Zem ficaram observando os trabalhadores na Rua dos Caldeireiros.

— Pan, pan, pan!

Eles batiam o cobre brilhante, com o qual faziam jarros, pratos e bandejas.

Mais adiante, o menino e o cabritinho foram dar um passeio bem alegre. Andaram numa roda gigante feita de madeira de palmeira, dentro de cestas que se balouçavam, erguendo-os para o alto e tornando a descer.

Depois tomaram uma merenda composta de cidra e romãs.

De repente Diji aprestou os ouvidos. Alguem entoava o velho canto familiar:

Trota, burrico, trota,
corre, camelo, corre!
Ambos vão ter derrota
pois que o sol vai mais depressa.

Na! Na! Na!
La! La! La!

Nunca, nunca vencerão,
pois o sol vai mais depressa.

O cabritinho ergueu as orelhas. Depois, com um alto *bé-é-é*, disparou pelo grande bazar, na direção do canto. Diji correu atrás dele, desviando-se de carregadores e camelos, a gritar:

— Zem! Zem! Espere aí!

Quando o menino entrou num beco atijolado, seguindo o ruido das patinhas de Zem, deparou com espetáculo interessante. Um homem, trajando túnica escarlate, estava tocando flauta. Um outro, com roupa listada, batia num gongo e cantava a velha canção. Sobre tres banquetas estavam um carneiro, um macaco e um cabritinho branco. Ao som do canto, os animais desceram dali e começaram a fazer artes. O macaco 'ansava e depois passava entre os assistentes uma cestinha, para receber dinheiro. O carneiro marchava com estilo. O cabritinho branco dava saltos mortais. Num instante já eram dois cabritinhos a dar saltos, pois o cabritinho Zem foi tambem tomar parte no espetáculo.

— O meu cabrito — o meu cabritinho perdido! exclamou o homem da túnica escarlate, deixando cair a flauta e abraçando Zem.

Depois ele começou a explicar para Diji como, ha cerca de um ano, quando atravessava a montanha nas vizinhanças do Rochedo de Khattab, sobreviera tremenda tempestade. No meio da chuva, saráiva, trovões e relâmpagos, o cabritinho preto ficara separado da trupe e nunca mais fôra visto até aquele dia.

— Onde o encontrou? perguntou por fim o homem.

— No *wadi* formado pelas enxurradas, respondeu Diji. Nós nos salvámos juntos da enchente e... desde aí vivemos juntos e...

Diji parou com um nó na garganta. "*Illah-udge!* Que tristeza!" pensou Diji. "Agora que o dono verdadeiro encontrou Zem, ele não me pertence mais!"

Diji virou-se depressa para ninguem ver as lagrimas que caiam de seus olhos.

Então lembrou-se da moeda de ouro que trazia numa corrente ao pescoço, uma das que encontrara na cidade subterrânea. Tirou-a e apresentou-a ao homem:

— O senhor... o senhor quer-me vender o cabritinho preto por isto?

O homem olhou para o dinheiro e depois para Zem, que se esfregava com carinho contra as pernas do menino.

— Vendo, disse o homem. O cabritinho preto parece gostar muito de você, e agora eu tenho um outro, treinado, que lhe faz as vezes. Pois sim; é negocio.

No auge da alegria, Diji entregou-lhe a moeda de ouro. Afinal, Zem pertencia-lhe inteiramente! Agora os dois podiam viver juntos, e para sempre, nas planicies arenosas e na doce liberdade dos filhos do deserto.

FIM

Quem é bom de contentar, menos tem que chorar

Jorge sentou-se na cama e esfregou os olhos. Era sabado de manhã — uma linda e brilhante manhã. Fóra, bem perto da janela, um bem-te-vi, empoleirado numa arvore, cantava alegremente. Jorge olhou para fóra, procurando ver a avezinha escondida na ramagem.

Ele estava como aquele bem-te-vi. Que dia lindo não havia de ser! O Snr. Meireles, seu vizinho, prometera levá-lo e ao seu amigo Osní para irem pescar na represa de Santo Amaro. O Snr. Meireles tinha tres varas de pescar — uma grande para êle e duas pequenas para Jorge e Osní.

— Eu vou pescar! Vou hoje pescar, cantarolava Jorge, satisfeito. Vestiu-se bem depressa. Não havia tempo a perder com aquele dia tão bonito.

Justamente quando amarrava as botinas, ouviu que o automovel do Snr. Meireles saía da garage. Ele correu para ver. O Snr. Meireles ia indo embora sòzinho, guiando seu carro.

Jorge ficou muito desapontado. Parou de cantar. Nem sequer podia sorrir. Cerrou os labios e seus olhos ficaram rasos de lágrimas.

— Conforme-se e tome o seu café, disse-lhe a mamãe. E' melhor rir do que chorar.

Então Jorge tomou o seu café. Depois foi para o alpendre e sentou-se num degráu. Começou a pensar na pesca. Era muito triste perder tão lindo passeio. Jorge imaginou como devia estar bonita a represa nessa linda manhã. Muitas barcas com suas velas vermelhas, azuis, brancas e amarelas, deslizariam devagar, sopradas pela brisa. Lanchas a motor cortariam a agua deixando atrás de si onga cauda de espumas. E os barcos de pesca andariam em volta, levando excursionistas, tendo os lados baldes para guardar peixes. O Snr. Meireles prometera levar as crianças num desses barcos. Mas ele, Jorge, alí estava, tão sòzinho! Quanto mais pensava nisso, mais triste ficava.

Pouco depois Osní chegou. Trazia a merenda e o *maillot* enrolados no roupão e sorria alegre.

— Que aconteceu, Jorge? êle perguntou.

— O Snr. Meireles foi sòzinho, Jorge respondeu. Não nos esperou.

Osní pôs seu pacote no chão e olhou para Jorge. Ele tambem estava desapontado; nem sabia o que dizer.

— Creio que não foi para se livrar de nós, disse Jorge. E' mais provavel ter acontecido alguma coisa que o obrigou a partir sòzinho.

Osní sentou-se no degráu. Desta vez foi ele quem sentiu os olhos dansando em lágrimas. Jorge ficou com pena. Não estava gostando de ver Osní triste.

— Não se importe, Osní, disse Jorge. Mamãe diz que é melhor rir que chorar. Nós havemos de descobrir outra coisa para fazer. Quer andar no meu velocípede? Eu vou calçar meus patins e serei o guarda-civil.

Eles saíram à rua. Jorge patinava na frente. Parava nas esquinas, olhava se algum carro vinha, e, quando estava certo que era possivel atravessar com segurança, fazia sinal a Osní para que o seguisse.

Maria Helena olhou para fóra e viu os meninos. Então ela tambem saiu, com o carrinho de boneca.

— Posso entrar na parada? ela perguntou.

Bem depressa todas as crianças daquela rua estavam na parada; Dóris, guiando o seu automovel de brinquedo. Roberto, atrás de Dóris, levando no carro sua irmãzinha Nair.

Foi divertido mesmo. Osni estava radiante, e Jorge tinha esquecido por completo seu desapontamento.

Eles foram para cima e para baixo uma porção de vezes, até que a mamãe de Roberto e Nair os chamou para se aprontarem para sair. Dóris e Maria Helena entraram tambem.

Jorge e Osní ficaram sòzinhos. Então voltaram para a casa de Jorge.

Um carro estava parado fóra. Era o do Snr. Meireles, que lhes gritou:

— Depressa! Vamos para Santo Amaro!

Jorge tirou os patins num zás-trás e Osní guardou o velocípede.

— Sinto ter chegado tarde, disse o Snr. Meireles. Levei o carro para fazer um concêrto e tive de esperar muito tempo. Mas sabia que vocês descobririam alguma coisa para fazer, que os entretivesse.

Jorge e Osní sorriram.

— E' melhor rir do que chorar, disse Jorge.

UMA CAMA DE GELO

Muito longe, nas terras ao extremo Norte, moram o menino e a menina esquimós. Lá faz muito frio, mas eles não se importam com isso. Usam umas roupas interessantes, muito quentes, feitas de peles grossas. Cobre o chão espesso lençol de gelo. Ha gelo por toda parte. Até a casa deles, chamada iglu, é feita de blocos de gelo. A porta é muito baixa; precisa-se entrar de gatinhas dentro dessa casa exquisita.

E' dividida em dois quartos: um para os cães e outro para a familia. Você pode pensar que uma casa de gelo é fria, mas na realidade lá dentro é muito confortavel. Ha apenas uma janelinha, sem vidraça, mas diante dela costumam pendurar um pedaço de couro. Um fogareiro pequenino e exquisito, ou antes um lampeão de pedra, fornece ao mesmo tempo luz e calor. Ele tem um pavío de musgo e o combustivel é o oleo da baleia. A mãe esquimó prepara a sopa para o jantar das crianças nesse fogareiro pequenino e fumarento.

O menino e a menina esquimós sentem fome depois do passeio sobre a neve, no trenó puxado por cães. Eles tiram os casacos de peles assim que entram no iglu. E como acham gostosa aquela sopa quente!

Depois do jantar é hora de irem dormir. A cama é um banco baixo, de gelo, pegado à parede. Você pode pensar que é uma cama muito fria, mas o fato é que está bem coberta com peles grossas de urso branco polar, de fóca, de boi almiscarado e de rangífer. Durante o dia usam-no como banco. A' noite os pequenos esquimós deitam-se nele e cobrem-se com mais outras peles.

No inverno não ha sol. E' noite o tempo todo. A unica claridade vem da lua, das estrelas e das lindas Luzes do Norte. As terras geladas do Norte são escuras no inverno. Como será que o pequeno esquimó sabe quando é hora de se levantar?

A Comissão da Alegria

A classe "Soldadinhos" da Escola Dominical queria fazer alguma coisa para alegrar o Adriano, que estava preso em casa por ter machucado a perna.

— Precisamos organizar uma Comissão da Alegria, propôs Jorge, como fez o Departamento Juvenil.

Arací prendeu a respiração enquanto D. Cacilda escolhia os membros da comissão. Ela nunca tinha tomado parte numa. Quem sabe se agora...

— Eurídice, Sebastião, Antonieta, Clemente, foi dizendo D. Cacilda. E Arací será a presidente da comissão.

A comissão resolveu levar ao amiguinho uma cesta de jogos e brinquedos, na tarde seguinte. Não deviam ser coisas estragadas, mas as melhores que os alunos tivessem. Sebastião ia emprestar um caderno com palavras cruzadas; Antonieta, um estojo de aquarela; Eurídice, o seu *Robinson Crusoe*, e Clemente um jogo de armar.

— Qual é o seu melhor brinquedo, Arací?

— Meus patins novos, respondeu logo Arací.

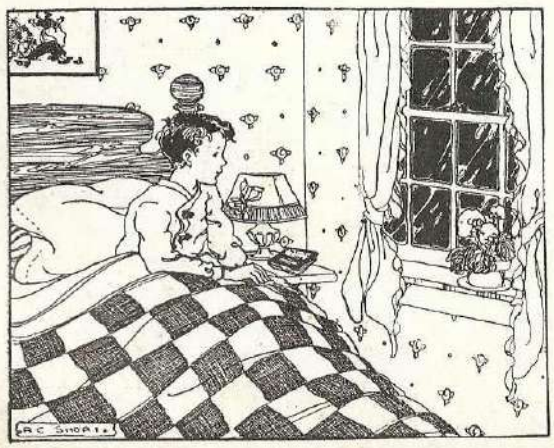
Todos riram. De que valiam os patins ao Adriano, que estava de cama?

— Lembre-se de outro tambem bom, Arací, disse D. Cacilda bondosamente.

— Minha boneca Rosinha, respondeu Arací com sinceridade.

As risadas aumentaram. Adriano não ia brincar com bonecas!

— Veja se atina com uma coisa acertada, disse-lhe D. Cacilda. Olhe em volta de você, quando chegar em casa.



Mas quando, em casa, Arací olhou tudo em volta, ficou ainda mais atrapalhada. A maioria de seus brinquedos já tinham pertencido à sua irmã maior. Estavam velhos. Que situação! Ser a presidente da Comissão da Alegria e não ter um nada para dar!

— *Psiu! Psiu!* chamou o canarinho amarelo de Arací, de dentro da gaiola, como se quisesse que ela se lembrasse dele para resolver o problema. *Psiu!*

Arací moveu o indicador e disse para ele:

— Não, não, Tá-tá. Você, não. Ainda que não saiba cantar mesmo, quero-lhe muito e não posso passar sem você.

— *Psiu!* tornou a chamar Tá-tá.

— Não quero, respondeu Arací com firmeza.

Ela não queria mais pensar nisso, mas Tá-tá gritou *psiu, psiu* o dia todo. No dia seguinte Arací esperava na esquina os colegas, sobraçando um embrulho grande, envolto por uma fronha. Levava no bolso do casaco um pacotinho de alpiste e um livrinho de nome *Cuidados para com os pássaros cantores*. Arací sentia um nó na garganta, mas ia fazer o possivel por passar sem Tá-tá.

Logo Eurídice e Antonieta adivinharam o que era aquilo.

— Eu não me lembrei da coisa, senão teria trazido meus peixinhos dourados, disse Sebastião.

— E eu, meu cãozinho Catita, disse Clemente. Mas aposto como a mãe do Adriano não gostaria dele, que é levado como que!

Adriano, metido entre travesseiros, ficou encantado em receber a Comissão da Alegria. Uma por uma, as crianças foram dando seus presentes. O doentinho era todo sorrisos. Estava gostando de tudo.

— Até parece Natal! exclamou.

— E veja agora o que Arací lhe trouxe, disse Eurídice.

— Arací lembrou-se de trazer o Tá-tá, acrescentou Sebastião. Eu tambem posso trazer-lhe os meus peixinhos, se você quiser. Naturalmente, eles não cantam, mas... O que aconteceu, Arací? interrompeu-se o menino.

Arací, com uma carinha triste, afastava-se para a porta com o seu embrulho.

— O que foi, Arací? interrogou Adriano.

— Nada... só que o meu Tá-tá não sabe cantar direito. E estou vendo que você já tem um...

Efetivamente, um canario saltitava numa gaiola suspensa à parede.

— Mas quem é Tá-tá e que é que eu já tenho? perguntou Adriano.

— Tá-tá é o meu canarinho que eu trouxe para você. Ele não sabe cantar. Só dá uns pipilos, enquanto que o seu — escutem só! E' melhor eu voltar para casa com o Tá-tá.

— Não vá, não, pediu Adriano. Deixe o Tá-tá fazer um pouco de companhia ao meu Petit. Enquanto isso, vamos fazer juntos esse jogo de armar.

As crianças puseram-se ao trabalho, armando *O Castelo dos Godos*.

Petit acolheu o hospede com um trilado. Depois começou a exibir-se. Gorgeou, gorgeou, fazendo estremecer as peninhas da garganta, até que teve de parar para respirar.

— *Psiu, psiu!* elogiou Tá-tá com modéstia.

Mas nisso alguma coisa sucedeu com o Tá-tá que fez Arací exclamar:

— Escutem! E' o Tá-tá! Ele está cantando!

Na sua alegria, a menina ergueu-se, quasi derrubando a armação. De fato, o pescocinho de Tá-tá estava todo eriçado. As notas saiam-lhe ainda trêmulas e incertas, não firmes e fortes como as de Petit — mas sempre já era um começo.

— Ele está imitando! exclamou Arací.

— Agora ele aprende a cantar, afirmou Adriano. A's vezes os pássaros novos precisam de um mestre mais velho. Quer deixá-lo aqui uns dias, Arací?

— Se quero! disse Arací. Que bom que eu trouxe o Tá-tá, acrescentou ela baixinho. Petit é um ótimo professor.

— Que pena que eu não trouxe os meus peixinhos! disse Sebastião a rir.

Adriano abanou a cabeça:

— Não, meu caro. Nem Petit e Tá-tá juntos poderiam ensinar peixes a cantar!

Petiscos para os Bem-Te-Vistas

Bolinhos de arroz:

1 ovo.
1 copo de leite.
1 copo de arroz cozido (só com agua e sal).
1 ½ copos de farinha.
½ colher de chá de sal.
4 colheres de chá de fermento inglês.
12 fatias finas de toucinho defumado.

Bata o ovo, acrescente o leite e o arroz; misture bem. Acrescente a farinha coada com o sal e o fermento inglês. Forre 12 forminhas com as fatias do toucinho defumado. Encha-as com a massa e asse em forno quente (a 425° F.), mais ou menos 30 minutos.

Comem-se esses bolinhos com qualquer geléia ácida.

Crême de chocolate:

6 ovos.
6 colheres de açúcar.
2 colheres de cacáu.
2 copos de leite.

Misture 6 gemas e 3 claras bem batidas com o açúcar e o cacau.

Faça ferver o leite com fava de baunilha e despeje sobre os ovos, misture bem e ponha em forno regular, em banho-Maria.

Bata as 3 claras restantes em ponto de neve, acrescente 3 colheres de açúcar e ponha em cima do crême quando este já estiver firme. Polvilhe um pouco de açúcar sobre as claras e leve de novo ao forno brando até corar.

apesar *dos* pesares

UM CEGO

Em 26 de Agosto de 1833, nasceu em Salisbury, Inglaterra, Henry Fawcett. Aprendeu as primeiras letras numa pequena escola onde não fez boa figura. A professora dizia que êle tinha a cabeça como um filtro. Aprendia as lições tão devagar que ficou sendo o bobo da classe. Até o pequeno Henry confessou que não gostava da escola. Ficar ao ar livre ou nos bosques era com êle, mas quando se travava de ir para a escola, não tinha mais pressa que uma lesma.

Uma coisa, porém, nunca lhe faltou : o apetite. A cada instante reclamava não ter bastante que comer. Quando ficou interno em um colégio, em quasi todas as cartas que escrevia queixava-se de estar meio morto de fome. Chegou a escrever o seguinte à mãe : "Quando o pessoal acabar com o pernil de porco, mande-me o osso, por favor".

Mas a despeito de tantas queixas cada dia se tornava mais forte e espigado, até que aos dez anos era bem mais alto que os colegas de sua idade.

Aos quatorze anos foi para o colegio de Queenwood, onde começou a se interessar mais pelos estudos. Esforçou-se muito nesta escola, e aos dezenove anos entrou para a universidade de Cambridge. Henry Fawcett fez-se querido pelos colegas desde o primeiro dia de aula. Tinha um metro e noventa de altura e andava pelos corredores do colegio e campo de recreio com passadas enormes. Dotado de excelente humor e disposição feliz, era bem recebido em toda a parte.

Sua maior ambição era preparar-se para ser membro do parlamento inglês e assim servir à coletividade. Pareciam-lhe injustas e crueis muitas leis vigentes e as classes mais pobres sobrecarregadas e desfavorecidas, pelo que desejava de todo o seu coração ocupar uma posição que lhe permitisse melhorar certas condições de vida.

Com o intuito de se preparar para o parlamento, principiou a fazer o curso de direito, mas seus olhos começaram a enfraquecer a tal ponto, que lhe foi proïbida por algum tempo qualquer leitura. Sem se queixar, ele obedeceu às prescrições médicas, indo ficar com sua familia em Salisbury. Foi durante essa permanencia que se deu um fato doloroso. Na manhã de 15 de Setembro de 1858, Henry e seu pai puseram-se a subir o morro de Harnham, donde se desfrutava uma belissima vista das cercanias. Ambos levavam espingardas, pois esperavam caçar alguma perdiz. Ao atravessarem um campo, Henry passou à frente do paí, e este, vendo voar uma perdiz e sem notar a proximidade do filho, fez fogo. O chumbo do tiro atingiu os olhos do rapaz, que para o resto da vida ficou completamente cégo.

Henry Fawcett tinha vinte e cinco anos quando isso sucedeu. Transportaram-no de carro para casa e ele ouviu do medico, com calma perfeita, o terrivel veredicto. Baixára-se uma pesada cortina que para sempre o impediria de ver os outros ou ler os livros que tanto amava. Mas, nos vinte e seis anos restantes de sua vida, ninguem o viu trair o grande pesar que interiormente devia sentir. Não queria que se apiedassem dêle e as cartas que lhe mandavam pessoas bem intencionadas, no intuito de o consolar, causavam-lhe verdadeiro desgosto. Desejava que os outros esquecessem sua cegueira e o tratassem de igual para igual.

Sem demora resolveu não interromper seus estudos e entrar no parlamento para servir o povo. Compreendia que levava grande desvantagem, com a qual provavelmente nenhum outro estadista lutara. Contudo, demonstrou coragem e perseverança extraordinarias.

Logo depois do acidente, experimentou andar sòzinho fóra de casa. Naturalmente tropeçava logo aos primeiros passos. Mas se alguem o segurava para ajudar a se levantar, dizia : "Deixe-me só : tenho que aprender a andar sem ver e quero começar desde já ; só me avisem quando eu estiver saindo do caminho".

Todos que conheceram Henry Fawcett por esse tempo foram testemunhas de sua admiravel coragem e alegre disposição. Se estava pesaroso, não o disse aos outros. Era de notar a nobreza de sua atitude, espe-

cialmeute nas relações com ôs páis. Sempre dne estava junto dêles, era a alegria qa casa, que enchia de risos e travessuras proprias de um colegial. "Quero viver até os noventa anos", dizia êle, e era sincero nisso. De ternura e afabilidade era feitâ a sua alma. Ninguem jamais o viu dizer algo de rude ou fazer juizo afrontosô de outrem. Toda sua vida êle buscou promover boa-vontade e compreensão entre os seus semelhantes e nunca se sentia mais feliz de que quando prestava auxilio a alguem em dificuldade.

Tinha notavel facilidade para guardar vózes de memoria, faculdade esta por vezes muito apurada nos cégos. Dizia-se dêle que nunca esquecia uma vóz depois de ouvi-la uma vez. Se sucedia ser interpelado por uma pessoa com quem há anos não se encontrava, por um momento hesitava, mas logo sorria, chamando-a pelo nome. Tinha o sentido da audição tão apurado que notava quando um amigo não se estava sentindo bem, pela voz. Não raro os deixava sobressaltados, perguntando: "O que há com você hoje, que está tão abatido?" Um homem com quem ele não tinha estado há vinte anos falou-lhe certa vez ; .sem um momento de hesitação Fawcett chamou-o pelo nome.

Henry Fawcet fracassou em duas tentativas que fez para entrar no parlamento : da primeira perdeu em Cambridge por oitenta e um votos apenas, e alguns mêses depois foi derrotado em Brighton. Muita gente votava contra ele convencida de que a cegueira era obstaculo bastante sério para um homem ser de real utilidade na grande assembleia. Não era essa, porém, a sua opinião, e êle fez uma terceira tentativa em 1865, aos trinta e dois anos, conseguindo então ser eleito.

Dia inesquecivel aquele em que entrou no parlamento! Depos de ter ficado cego, ninguem, nem mesmo os que mais o amavam, acreditavam em tal possibilidade. Apenas uma resolução inabalavel, que não permitia entraves, lograria vencer naquela circunstancia.

Cercado por muitos dos maiores estadistas do século dezenove, aquele cégo tranquilamente tomou assento no parlamento. Durante a primeira sessão falou muito pouco. Tinha que se habituar aos usos no parlamento, o que já de si representa árdua aprendizagem, em muito dificultada pela circunstancia especial do seu caso. Pronunciou seu primeiro discurso em março de 1866. Ao contrario da maioria dos colegas, não tinha anotações que o ajudassem. Precisava contar só com a excelente memória. As palavras que pronunciou foram ouvidas com verdadeiro enlevo. A figura daquele homem alto, cégo, de voz e maneiras agradaveis, produzia um efeito mágico sobre toda a casa, e mesmo os que dêle discordavam sofriam profundamente a influencia da sua personalidade.

Nos anos que se seguiram Henry Fawcett discursou muitas vezes no parlamento. Sempre que surgia em debate uma boa causa, sua voz se erguia em defesa dos que necessitavam de ajuda. Não sòmente se interessava pelo povo sofredor das ilhas britânicas, mas anos consecutivos bateu-se com denodo em favor da classe pobre da longinqua India. Por tal forma se tornou o defensor dos indios que o apelidaram "O membro pela India". Ele recebeu muitas cartas que expressavam a profunda gratidão daquele povo que êle nunca esperava ver.

Tomou parte em muitos debates politicos; mas uma coisa até seus adversarios admitiam, e era que êle nunca pleiteou coisa para si mesmo. Lutava por ajudar aqueles cuja partilha na vida considerava menos vantajosa que a sua.

Em 1880 Henry Fawcett foi feito Diretor Geral dos Correios na Inglaterra, uma posição de grande importancia e responsabilidade. Havia mais de noventa mil empregados sob a administração do Correio.

Num lindo dia de primavera Henry Fawcett tomou posse do seu cargo. Ao ser apresentado aos chefes dos diversos departamentos, e aos empregados subalternos, ia cordialmente apertando a mão de todos. Foi então que alguem lhe segredou: "Não é costume o Diretor Geral dos Correios de sua Majestade apertar a mão de seus subordinados abaixo de chefes de secções". Dificilmente Henry Fawcett ficava indignado, mas aquela observação produziu esse resultado. Ele respondeu : "Suponho que tenho liberdade para fazer de minhas mãos o uso que me aprouver".

Desde o dia em que tomou posse desse cargo interessou-se vivamente por todos os funcionarios, muito se esforçando por lhes melhorar as condições de trabalho. Cada um era merecedor de sua atenção particular e nada parecia dificuldade insuperável para aquele cego de quasi infinita paciencia e

simpatia. Houve sem duvida quem se aproveitasse indébitamente de sua extraordinaria bondade, mas ele encontrou felicidade suprema no conceito geral de que nunca antes na historia do Correio inglês aquela organização satisfizera tão plenamente ao publico. Um dos grandes estadistas daquele tempo disse: "O Correio não poderia ter um Diretor Geral mais capaz, nem os seus funcionarios melhor amigo".

Em Dezembro de 1883 adoeceu gravemente com difteria, seguida por febre tifóide. Por algum tempo perderam-se as esperanças de salvar a sua vida e então se patenteou a grande consideração em que era tido o homem cego, pelo interesse com que se liam os boletins medicos. A propria rainha telegrafava-lhe todo o dia, e às vezes mais de uma vez.

O Snr. Fawcett, restabelecido de tão grave doença, resolveu trabalhar ainda mas arduamente que antes. No ano seguinte foi honrado com diplomas de grandes universidades, inclusive as de Oxford e Glasgow. Afinal, em Novembro de 1884 adoeceu repentinamente e sua vida se extinguiu na presença da esposa, da filha e de varios amigos. Aquele que vivera em completa escuridão por quasi trinta anos — durante os quais nunca murmurou uma queixa — viu-se envolvido de luz eterna na presença de Deus.

Toda uma nação pranteou quando esse homem, de tão admiravel coragem, repousou no silencioso cemiterio de Salisbury, onde havia nascido. Tributos à sua memoria foram prestados pelos mais importantes homens do país. A rainha Victoria escreveu uma carta comovente à viuva, e o grande W. E. Gladstone disse que nenhum homem deixára sua memoria tão gravada entre seus contemporâneos. A terrivel desgraça de sua cegueira não impediu Henry Fawcett de se tornar um dos maiores homens de sua geração.

HELEN KELLER E SUA MESTRA

(CENA VERDADEIRA DA SUA MARAVILHOSA VIDA)

A mestra passa o braço, ternamente,
em volta da cintura da pequena
que nada vê nem ouve, e de repente
escreve-lhe na mão: "eu amo Helena".

"O que é amar?" (pergunta embaraçosa!)
A mestra chega-a muito para si,
pousa-lhe a mão no peito, e carinhosa
na mão escreve: "o amar sente-se aqui".

O coração pulsar no próprio peito
Helena pela primeira vez sentiu,
e ainda, nada a tal respeito,
— a respeito de amar — ela atingiu.

Tem consigo violetas a menina
e aspira pensativa o dôce olor;
então surge a pergunta peregrina:
"Amar... será o cheiro desta flor?"

"Não é, querida, não"... Helena pensa,
sentindo a quente luz dum pleno dia,
"Será aquilo?" e apontou a imensa
juba de luz do sol, que o céu enchia.

Nada a seu ver ("ver" de alma, "ver" profun-
[do,
"ver" de olhos mortos mas de alma vivaz)
como êsse sol que abraça todo o mundo
e vida nova à Natureza traz.

. . . . . .

Passa-se um dia ou dois. Helena enfia,
junto da mestra, as contas dum colar;
e a mente inquiridora inda porfia:
Mas, afinal, o que será "amar"?

O dia amanhecera enevoado
e essa bruma a menina a sente em si;
mas dissipa-se tudo, e o sol dourado
irrompe... Então o "amar não está ali?!"

E' preciso falar; a mestra o sente:
"E' qualquer coisa de subtil, o amor,
como a nuvem que envolve o sol ardente
e torna mais suave o seu calor".

Depois, em termos simples: "Não podemos
tocar a nuvem que volteja além,
mas sua ação bendita conhecemos
que à terra, às flores, a nós, por ela vem.

Assim, o amor. Tocá-lo, é impossivel;
o verdadeiro, é sobre todo o ser,
e nada ao seu encanto é insensível:
tudo êle alegra, a tudo dá prazer".

. . . . . .

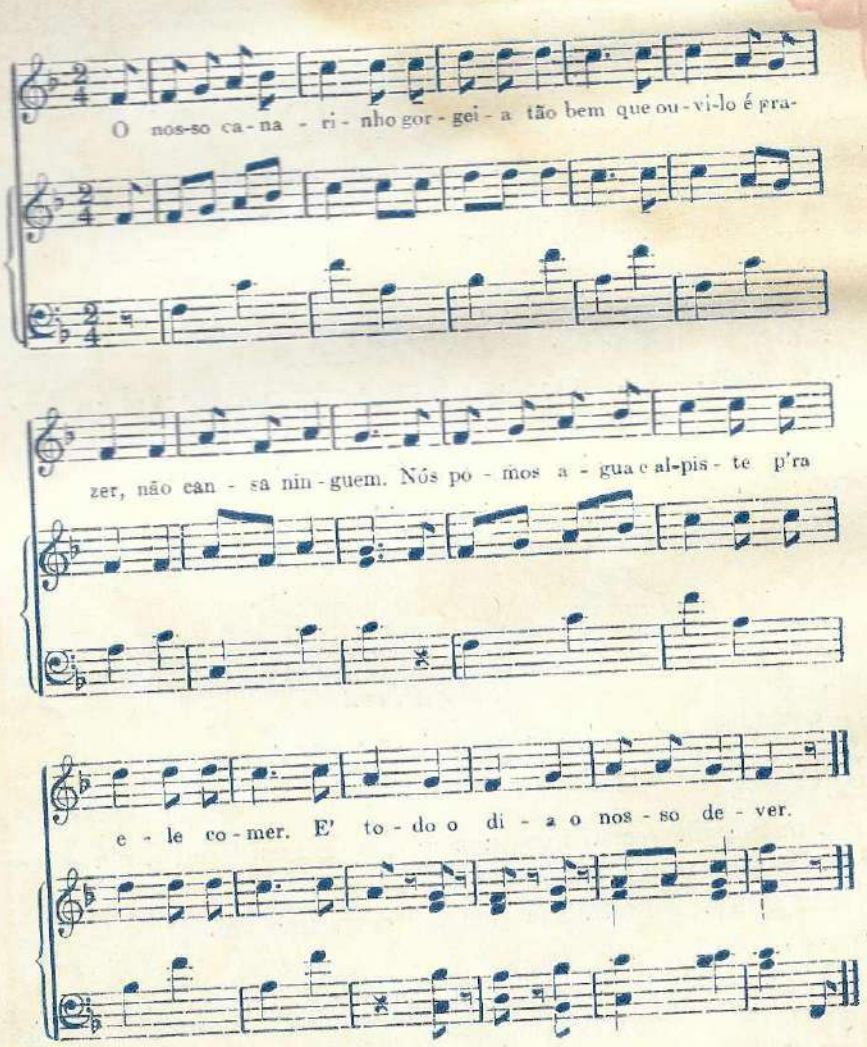
Brilhou a luz no cérebro de Helena;
bem memorável foi essa manhã.
Céguinha, surda-muda e bem pequena,
pôde afinal — prodígio — ser cristã!

Eduardo Moreira

quem é que sabe?...

1) Completar : *A alma forte pisa ao favo de mel.....?*
2) Qual é a indicação do tempo, quando o barómetro está subindo?
3) Onde se encontram os mais ricos depósitos de níquel?
4) Quem era o heroi nacional da Espanha?
5) Qual é a cidade mais antiga da Europa?
6) Que livro famoso contém uma série de historias contadas pela esposa de um monarca com o fim de salvar a sua propria vida?
7) Que homem de pequena estatura subiu a uma arvore para ver Jesus?
8) Qual foi o mais famoso periodo de arquitetura grega?
9) Que moça de dezoito anos foi despertada do sono para receber a noticia de que era Rainha da Inglaterra?
10) Por que grupo de homens é eleito o papa?
11) Mencionar alguns produtos do deserto de Saára?
12) Quem na mitologia tinha cem olhos e o que se fez com esses olhos depois da sua morte?
13) Para que cidade se voltam os maometanos quando oram?
14) Quem eram os Hellenos, na historia antiga?
15) Quem escreveu *Os Sertões?*

Respostas ás perguntas de Junho :

1) *Porque não sabes o que um dia póde dar á luz.*
2) Campos, no estado do Rio de Janeiro, em 1883.
3) Bucephalos.
4) Louis XIV.
5) Conforme a mitologia grega, mensageiro dos deuses. Com a classe comercial.
6) Richard, da Inglaterra.
7) E' ; mas está unida à Finlandia por ter o mesmo rei.
8) "Boas Novas".
9) Inglaterra, Espanha, França e Holanda . Só a Inglaterra conserva as suas até hoje.
10) Robert Raikes.
11) Inglaterra, com 700 habitantes por km.^{2}
12) Wolfgang Amadeus Mozart.
13) David.
14) Henry VI.
15) Em geral as letras são verdes, mas parece que não ha lei a respeito.

O nosso Canario